

# 4

## CAPÍTULO

### LÍNGUA, CULTURA, LÉXICO

**Maria Cândida Trindade Costa de Seabra** (Faculdade de Letras/UFMG)

Adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma comunidade de pessoas que participam de atividades comuns através do uso, se bem que nunca completo, de uma grande variedade de recursos comunicativos, compartilhados. Neste sentido, adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, repleta de histórias, alusões, opiniões, receitas e outras coisas que nos fazem humanos. Não adquirir uma linguagem, ou ter unicamente um conjunto muito limitado de seus recursos, significa ver-se privado desse acesso.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> "Adquirir un lenguaje significa formar parte de una comunidad de personas que participan en actividades comunes a través del uso, si bien nunca completo, de una gran variedad de recursos comunicativos compartidos. En este sentido, adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, por tanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos. No adquirir un lenguaje, o tener únicamente un conjunto muy limitado de sus recursos, significa verse privado de esse acceso." (DURANTI, 2000, p. 447- 448)

## **Introdução**

A linguagem como prática compartilhada, pública e comunitária, é um tema que se destaca, principalmente quando se pensa na cultura como um texto, como um modo de ordenar os dados sensoriais da experiência através de conceitos e significados. Assim, transcendendo ao próprio ato da nomeação, palavras já criadas e empregadas em outras épocas, por outras pessoas, em contextos diferentes, seguem sendo relevantes, adequadas e usadas por toda uma comunidade, pois dotadas de um índice sociocultural peculiar, designam, classificam, indicam. Dentro desta perspectiva, o estudo da linguagem se apresenta como um recurso da cultura, um dos subcampos principais da antropologia, claramente assinalada por Hymes (1963, p. 277) como *“o estudo da fala e da linguagem dentro do contexto da antropologia”*.

Para Duranti (2000) o estudo da língua inserido no universo cultural se situa no amplo campo da antropologia porque examina a linguagem através do prisma dos interesses desta ciência, entre os quais estão: a transmissão e a reprodução da cultura, como também a sua relação com outras formas de organização social. Entretanto, para ele, isto não quer dizer que a antropologia linguística se situe sempre no molde de outros campos da antropologia, pois não se guia exclusivamente por esta ciência. Com isso, reformula uma antiga definição de Hymes (1964) quando este diz que o enfoque da antropologia linguística sempre inclui o singular problema da integração com o resto da antropologia. Na visão de Duranti (*op. cit.*), para os antropólogos linguísticos a linguagem é como um conjunto de práticas que desempenha um papel essencial na mediação de aspectos materiais e imaginários da existência humana e, em consequência, na criação de maneiras singulares de estar no mundo. Esta visão dinâmica da linguagem é o que dá à linguística antropológica seu especial lugar no campo das humanidades e das ciências sociais.

Sob a perspectiva de Lévi-Strauss (1963), toda cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos, dentre os quais estão situados a linguagem, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Para ele, todos esses sistemas visam a expressar certos aspectos da realidade física e social e, mais ainda, as relações que os dois tipos de realidade mantêm um com o outro e, também, as relações que os sistemas simbólicos mantêm entre si.

## 1. Linguagem e cultura

Se a premissa da antropologia linguística é que se deve entender a linguagem como uma prática cultural, faz-se necessário para um estudo nessa área incluir a noção de cultura. Porém, essa não é uma tarefa fácil, pois tal conceito tem sido considerado, contemporaneamente, muito controverso e até mesmo criticado em relação a sua noção totalizadora. Para muitos cientistas sociais e, também, para alguns antropólogos, a noção de cultura vem se identificando

com um programa colonial de supremacia intelectual, militar e política por parte dos poderes ocidentais sobre o resto do mundo, que não pode se exercer sem assumir uma série de

enganosas dicotomias como “nós” e “eles”, “civilizado” e “primitivo”, “racional” e “irracional”, “educado” e “analfabeto”, etc. A “cultura” é o que os “outros” têm, o que eles fazem, e os mantém diferentes, separados de nós.<sup>17</sup>

Assim, tem-se evitado, na antropologia contemporânea, uma noção globalizadora de cultura. Em vez disso, Duranti (2000, p. 80) apresenta algumas “teorias da cultura” atuais em que a linguagem desempenha um papel importante “*porque conduz o mais completo sistema de classificação de experiências*”.

Destacam-se:

**a)** A cultura como algo distinto da natureza: ou seja, a cultura é aprendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, mas não está ligada a traços genéticos e sim sujeita a influências do ambiente em que se vive. Essa ideia de oposição entre cultura e natureza foi introduzida na antropologia americana por antropólogos de origem alemã como Franz Boas que, influenciado pela filosofia de Immanuel Kant e, também, por filósofos idealistas do século XIX, via na cultura a possibilidade da pessoa sair de uma visão individual, portanto limitada das coisas, para tomar o ponto de vista do outro.

Em antropologia, uma cultura são os modelos de conduta aprendida e compartilhada, característicos de uma determinada comunidade. Aprende-se cultura de parentes e de outros membros da comunidade, assim como de várias formas materiais como livros e programas de televisão. Não se nasce com uma cultura, mas com a habilidade de adquiri-la por meios tais como a observação, a imitação, o ensaio e o erro.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> “Con un programa colonial de supremacía intelectual, militar y política por parte de los poderes occidentales sobre el resto del mundo, que no puede ejercerse sin asumir una serie de engañosas dicotomías como ‘nosotros’ y ‘ellos’, ‘civilizado’ y ‘primitivo’, ‘racional’ e ‘irracional’, ‘educado’ y ‘analfabeto’, etc. La ‘cultura’ es lo que ‘otros’ tienen, lo que los hace y los mantiene diferentes, separados de nosotros.” (Duranti, 2000, p. 47)

<sup>18</sup> Oswalt (1986, p. 25)

Como parte integrante da cultura, a linguagem serve para categorizar o mundo através de sistemas de classificação, taxonomias, que podem, por sua vez, ser portadores de inestimáveis indícios sobre crenças e práticas culturais.

**b)** A cultura como conhecimento: os membros de uma cultura devem compartilhar certos modelos de pensamento, maneiras de ver o mundo, de fazer inferências e suposições. Esse conhecimento é socialmente distribuído, o que significa reconhecer que o indivíduo não é sempre o ponto final nos processos de aquisição, isto é, o conhecimento não se encontra totalmente na mente de uma pessoa, pois reside, também, nas “ferramentas” que a pessoa utiliza. Além disso, nem todos têm acesso à mesma informação e se têm, nem sempre a utilizam.

Dentro do que se poderia chamar de perspectiva cognitiva da cultura, Ward Goodenough escreveu:

A cultura de uma sociedade consiste em tudo o que se deve conhecer ou crer, a fim de construir de uma maneira aceitável para seus membros, qualquer papel que eles aceitem para si mesmos. A cultura, entendida como aquilo que diferencia o que aprendemos de nossa herança cultural, deve consistir no produto final da aprendizagem, que é o conhecimento, em um sentido mais geral e relativo. Observa-se, segundo esta definição, que a cultura não é um fenômeno material; não trata das coisas, da gente, da conduta ou das emoções, mas de uma organização de todas elas. O que a pessoa guarda em sua cabeça são as formas das coisas, modelos para percebê-las, relacioná-las e, em todo caso, interpretá-las.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Goodenough, *apud* Duranti (2000, p. 52-53): “La cultura de una sociedad consiste en todo lo que uno debe conocer o creer a fin de obrar de una manera aceptable para sus miembros, cualquier papel que ellos acepten para sí mismos. La cultura, entendida como aquello que diferencia lo que aprendemos de nuestra herencia cultural, debe consistir en el producto final del aprendizaje, que es el conocimiento, en un sentido más general y relativo. Obsérvese, según esta definición, que la cultura no es un fenómeno material; no trata de las cosas, la gente, la conducta o las emociones, sino de una organización de todas ellas. Lo que la gente guarda en su cabeza son las formas de las cosas, modelos para percibir las, relacionarlas y, en todo caso, interpretarlas.”

Os antropólogos linguísticos da década de 60 interessaram-se, também, pelos “sistemas terminológicos” como métodos de explorar o mundo cognitivo de um determinado grupo de pessoas:

Na medida em que o código cognitivo tende a ser linguístico e eficiente, o estudo das respostas linguísticas habituais – ou termos – obtidas proporciona um frutífero ponto de partida para configurar um sistema cognitivo, e com conduta verbal sabemos como começar.<sup>20</sup>

Neste caso, entende-se que a linguagem é um grupo de proposições sobre o que o falante, como membro de uma sociedade ou comunidade linguística, sabe ou crê. Estas proposições, por sua vez, podem conectar-se com uma série mais ampla de regras de inferências como as seguintes:

John é o irmão do pai de Mary  
O irmão do pai de X é o tio de X

---

John é o tio de Mary

Os antropólogos cognitivos se baseiam no conhecimento das categorias linguísticas e de suas relações para defender que fazer parte de uma cultura significa compartilhar (minimamente) o conhecimento proposicional e as normas de inferência necessárias para compreender se certas proposições são verdades (a partir de certas premissas).<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Frake *apud* Duranti (2000, p. 54): “En la medida en que el código cognitivo tienda a ser lingüístico y eficiente; el estudio de las respuestas lingüísticas habituales – o términos – elicadas proporciona un fructífero punto de partida para configurar un sistema cognitivo, y con conducta verbal sabemos cómo empezar.”

<sup>21</sup> Duranti (2000, p. 54): “John es el hermano del padre de Mary/ El hermano del padre de X es el tio de X/ \_\_\_\_\_/ John es el tio de Mary/ Los antropólogos cognitivos se basan en el conocimiento de las categorías lingüísticas y de sus relaciones para defender que formar parte de una cultura significa compartir (mínimamente) el conocimiento proposicional y las normas de inferencia necesarias para comprender si ciertas proposiciones son verdad (a partir de ciertas premissas).”

c) A cultura como comunicação: inspirada em trabalhos sobre a dêixis, a força comunicativa da cultura não representa, unicamente, aspectos da realidade, mas, também, conecta os indivíduos, os grupos, as situações e os objetos, com outros indivíduos, grupos, situações e objetos ou, em um sentido mais geral, com outros contextos. Segundo esta visão, o significado das mensagens, atos e situações se realiza não só por meio de relações convencionais entre os signos e seus conteúdos, mas também por meio de conexões entre aspectos selecionados da situação e aspectos de outras situações. A comunicação não é só o uso de símbolos que representam crenças, sentimentos, identidades, acontecimentos, mas também um modo de indicar, pressupor o projetar sobre o contexto presente em crenças, sentimentos, identidades ou acontecimentos. A isto se chama “significado indicial” dos signos. Segundo este tipo de significado, uma palavra não “representa” um objeto ou conceito, mas indica ou conecta com algo “do contexto” que “se pressupõe”, deduz-se.

d) A cultura como um sistema de mediação: segundo esta ideia os seres humanos se utilizam de “ferramentas” como objetos de mediação que se interpõem entre eles e o seu entorno. Um dos sistemas dessa mediação é a linguagem que, por sua vez é considerada um produto histórico e, portanto, deve ser entendida dentro do contexto do processo que a produz.

SER HUMANO \_\_\_\_\_ FERRAMENTA \_\_\_\_\_ ENTORNO

e) A cultura como um sistema de práticas: não se pode estudar uma língua sem considerar as condições sociais que permitem sua existência, pois ela é um conjunto de práticas não só individuais, mas, também, comunitárias.

Nessa teoria são destacadas por Bourdieu (1991) a relação entre conhecimento e ação no mundo e, ainda, as condições de presente e passado, assim como a noção de *habitus*:

História incorporada, naturalizada e, por isso, esquecida como tal história, o “habitus” é a presença ativa de todo o passado do qual é produto: é o que proporciona às práticas sua “independência relativa” em relação às determinações exteriores do presente imediato.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Bourdieu (1991, p. 98): “Historia incorporada, naturalizada y, por ello, olvidada como tal historia, el ‘habitus’ es la presencia activa de todo el pasado del que es producto: es lo que proporciona a las prácticas su ‘independencia relativa’ en relación a las determinaciones exteriores del presente inmediato.”

f) A cultura como um sistema de participação: segundo esta teoria, a cultura é inerentemente social, coletiva, participativa e a comunicação linguística é vista como parte de uma rede de recursos semióticos sobre os quais discorre a nossa vida, vinculando-nos às histórias sociais concretas e a suas instituições.

Se partimos da noção de participação, é mais fácil admitir a variação, já que podemos manter um sentido das diferentes partes implicadas ao mesmo tempo que constatamos o fato de que pertencem socialmente a uma unidade maior.<sup>23</sup>

De acordo com Duranti (2000) cada uma das teorias acima põe em relevo um aspecto específico dos sistemas linguísticos, contribuindo com a nossa compreensão da cultura como um fenômeno complexo. Nesse sentido, cada teoria supõe um plano de investigação próprio, mas todas elas juntas formam um amplo suporte para o estudo da cultura e para a análise da língua como ferramenta social e conceitual, uma vez produto e instrumento dessa cultura:

Uma língua é mais que um conjunto de categorias fonológicas, morfológicas, sintáticas ou léxicas e uma série de regras para seu uso. Uma língua existe no contexto de práticas culturais que, por sua vez, descansam em alguns recursos semióticos, como as representações e expectativas que proporcionam aos corpos e movimentos dos participantes no espaço, o entorno construído em que inter-atuam, e as relações dinâmicas que se estabelecem por meio da recorrência na atividade conjunta que realizam.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Duranti (2000, p. 77): "Si partimos de la noción de participación, es más fácil admitir la variación, ya que podemos mantener un sentido de las diferentes partes implicadas al mismo tiempo que constatamos el hecho de que pertenecen socialmente a una unidad mayor."

<sup>24</sup> Duranti (2000, p.104): "Una lengua es más que un conjunto de categorías fonológicas, morfológicas, sintáticas o léxicas y una serie de reglas para su uso. Una lengua existe en el contexto de prácticas culturales que, a su vez, descansan en algunos recursos semióticos, como las representaciones y expectativas que proporcionan los cuerpos y movimientos de los participantes en el espacio, el entorno construido en el que interactúan, y las relaciones dinámicas que se establecen por medio de la recurrencia en la actividad conjunta que realizan."

## 2. Léxico e cultura

Partindo-se do princípio de que a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema linguístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história, faz-se, pois, necessário estudar a língua inserida na cultura.

Foi o antropólogo Edward Sapir (1967) quem, além de introduzir o estudo da linguagem entre os materiais antropológicos, começou também a mostrar que um estudo antropológico da língua (a língua como objeto de pesquisa inscrevendo-se na cultura) conduzia a um estudo linguístico da cultura (a língua como modelo de conhecimento da cultura).<sup>25</sup>

Considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como *signos operacionais*, é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de *crystalizar* conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época, *mots-témoins*.<sup>26</sup>

### 2.1 Léxico

Durante a segunda metade do século XIX, os linguistas, sob a influência das grandes correntes românicas, se interessaram, sobretudo, pela história das línguas. Eles procuravam determinar as linhas de parentesco entre as diferentes línguas e, também, explicar as mudanças intervindas durante a

---

<sup>25</sup> Laplantine (2000, p.18)

<sup>26</sup> Matoré (1953, p.16)

história de cada uma delas em particular. A história das palavras consistia, antes de tudo, na investigação de unidades isoladas.

Nessa época, a Linguística Histórica se concentrava, principalmente, em torno da evolução das formas comparadas (fonética e morfológica). Havia a impressão, enquanto se utilizavam do *Método Histórico-Comparativo*, de

que a palavra era só perfeitamente conhecida quando se tornava passível da aplicação de leis de evolução formal. Porém, pouco a pouco, as considerações sobre a evolução do sentido e sobre o conteúdo das unidades do léxico também foram se integrando à linguística histórica, levando ao surgimento de uma "semântica", palavra criada um pouco mais tarde por Bréal (1832-1915). Esta primeira semântica histórica ou semântica evolutiva reduziu a lexicologia, durante muitos anos, a ser somente o estudo de um "vasto catálogo" de itens lexicais.

Ainda em fins do século XIX, o linguista Schuchardt<sup>27</sup>, opondo-se às leis fonéticas tal como eram concebidas pelos neogramáticos, passou a dedicar os seus estudos ao "significado", à pesquisa das "palavras" juntamente com as "coisas", argumentando que se "*conhecermos bem as coisas (que formas têm, como se utilizam, como foram produzidas, etc.), conseguiremos com maior facilidade e segurança descobrir a origem das palavras.*"<sup>28</sup> Surgia, deste modo, o método *Palavras e Coisas*.<sup>29</sup> De acordo com este método, "*uma peça de vestuário, um instrumento agrícola etc., importado por uma comunidade humana, que o desconhecia, vem do país de origem com a sua denominação nativa. Assim, o povo que a recebe enriquece simultaneamente a sua língua e a sua cultura material.*" Natural seria, pois, investigar ambos os domínios, isto é, as palavras e as coisas que elas designam. "*Proceder deste modo significa tomar em consideração a realidade e não separar duas facetas da vida humana que estão estreitamente ligadas.*"<sup>30</sup>

Ao método *Palavras e Coisas* está estreitamente ligada a Onomasiologia, ciência que estuda as diversas denominações de um objeto, animal, planta, conceito, etc., num só território linguístico ou em vários.

<sup>27</sup> Romanischen Etymologien, 1899

<sup>28</sup> *Apud* Jordan (1982, p. 89-90)

<sup>29</sup> Wörter und Sachen

<sup>30</sup> *Apud* Jordan (1982:101)

Como o primeiro, ela põe em destaque o aspecto semântico da palavra, e não a fonética. Além disso, esforça-se por descobrir as forças criativas na língua, enquanto enfoca o seu aspecto psicológico e, principalmente, o seu lado cultural.

A *Onomasiologia*, inicialmente, era praticada com a ajuda de dicionários, vocabulários dialetais e textos. Posteriormente, recebeu um poderoso impulso, graças aos atlas linguísticos que, por sua vez, não são outra coisa senão uma coleção de mapas onomasiológicos. Estes estudos onomasiológicos, ou monografias sobre as palavras, podem priorizar tanto o aspecto diacrônico quanto o sincrônico, focalizando o objeto de estudo mais linguisticamente com etimologias e reconstruções, ou mais descritivamente. Ainda que privilegiando diversos tipos de enfoques, essas áreas, detentoras de uma longa tradição na Linguística Românica, sempre relacionaram o léxico à cultura, não importando quão várias sejam as perspectivas teóricas adotadas pelos pesquisadores.

A linguística moderna, tendo como precursor Ferdinand de Saussure (1857-1913), não rompeu totalmente com a tradição comparatista e histórica, mas introduziu com o *estruturalismo* a concepção de que a língua deve ser considerada como um sistema, uma estrutura, quer dizer, um conjunto organizado onde cada elemento possui seu valor, relacionando-se, por sua vez, com outros elementos. A partir daí, um grande número de linguistas passou a ter o hábito de representar o léxico como o conjunto de “pedras irregulares de um mosaico” ou como o conjunto de “malhas mais ou menos fechadas de uma rede”<sup>31</sup>. Isso significa que no conjunto do léxico se descrevem subconjuntos organizados, de microssistemas lexicais, em que os elementos possuem um denominador comum. Esses microssistemas lexicais são habitualmente chamados “campos semânticos”:

Os “campos semânticos” podem ser definidos como a associação de um conjunto de termos do léxico (campo lexical) a uma noção particular (campo nocional). Por exemplo, o campo semântico dos sentimentos corresponderá ao campo nocional “sentimento” – o campo lexical compreende as palavras “amor, ódio, indignação, adoração, admiração, desprezo, piedade”. Esta maneira de interpretar as coisas implica que não se pode verdadeiramente conhecer uma palavra sem a situar, com

---

<sup>31</sup> Niklas-Salminen (1997, p. 40): “‘pierres irrégulières d’une mosaïque’ [...] ‘mailles plus ou moins serrés d’un fillet’”.

ajuda de substituições, na totalidade do léxico. Definir um termo como a união de um certo som com um certo conceito seria o isolar do sistema ao qual ele pertence. Como efeito, a palavra isolada recebe sua significação somente em conjunto das oposições que sustenta com todos os outros constituintes do campo.<sup>32</sup>

A esta análise do léxico realizada por estudiosos do vocabulário e da semântica, destaca-se o trabalho de Duchácek em um estudo denominado “O campo conceitual da beleza em francês moderno”, no qual propõe o seguinte esquema para “campos linguísticos”:<sup>33</sup>



**Fig. 1:** Campos linguísticos de Duchácek

Apesar de inovador, este modelo foi muito discutido pelos teóricos da lexicologia que não viam nele operacionalidade, já que trabalhava com um número muito grande de unidades funcionais.

O *estruturalismo* representou mais do que uma simples fusão às tradições teóricas da lexicologia. Depois de Saussure, os estudiosos do léxico

<sup>32</sup> Niklas-Salminen (1997, p. 40): “Les ‘champs sémantiques’ peuvent être définis comme l’association d’un ensemble de termes du lexique (champ lexical) à une notion particulière (champ notionnel). Par exemple, le champ sémantique des sentiments fera correspondre au champ notionnel ‘sentiment’ le champ lexical comprenant les mots ‘amour, haine, indignation, adoration, admiration, mépris, pitié’. Cette façon d’interpréter les choses implique que l’on ne peut pas vraiment connaître un mot sans le situer, à l’aide de structures de relais, dans la totalité du lexique. Définir un terme comme l’union d’un certain son avec un certain concept serait l’isoler du système auquel il appartient. En effet, le mot isolé acquiert sa signification seulement par l’ensemble des oppositions qu’il soutient avec tous les autres constituants du champ.”

<sup>33</sup> Apud Biderman (1981, p. 132): “Le champ conceptuel de la beauté en français moderne”

passaram a procurar o significado da língua não em elementos individuais, mas nas estruturas linguísticas que organizam signos em sistemas, dando início à Escola Linguística Sociológica. O relacionamento entre os elementos e não só os próprios elementos tornou-se o tema essencial da linguística, fornecendo um meio de análise altamente produtivo para o léxico em que combinavam linguagem-cultura-sociedade.

Orientada neste sentido estruturalista, a *Onomasiologia* dá início ao estudo dos “campos linguísticos”, por Jost Trier (apud BIDERMAN, 1981, p. 133)<sup>34</sup>. Segundo este linguista, nenhuma palavra vive em estado de isolamento na consciência dos falantes, antes está rodeada de toda uma série de expressões ligadas por significado, originando um “campo de palavras” mais ou menos fechado. A partir de Trier, os estudos onomasiológicos passam, também, a ser praticados com uma combinação de diacronia e sincronia:

Na base deste método são estudadas de modo sincrônico em certo período de tempo as palavras de um campo conceitual determinado, como, por exemplo, no início do século XIII, as palavras alemãs que pertencem ao círculo conceitual do entendimento, como “sabedoria”(wîsheit), “arte”(kunst) e “astúcia”(list). Como o mesmo “campo linguístico” é estudado em diversas épocas porque são feitos diversos cortes horizontais, a sincronia se torna diacronia, o trabalho se faz comparativo e, desta maneira, como consequência do confronto de cortes sincrônicos sucessivos as mudanças linguísticas e estruturais do léxico de uma época para outra são tomadas em consideração.<sup>35</sup>

Nos anos 50 do século XX, partindo da lexicologia estruturalista, surge a *Lexicologia Social*, de Georges Matoré, que propunha considerar a palavra não como um objeto isolado, mas como parte de uma estrutura social:

não estando isolada, a palavra não pode dissociar-se em nenhum caso do grupo a que pertence. As palavras no interior do grupo não têm todas o mesmo valor: constituem uma

---

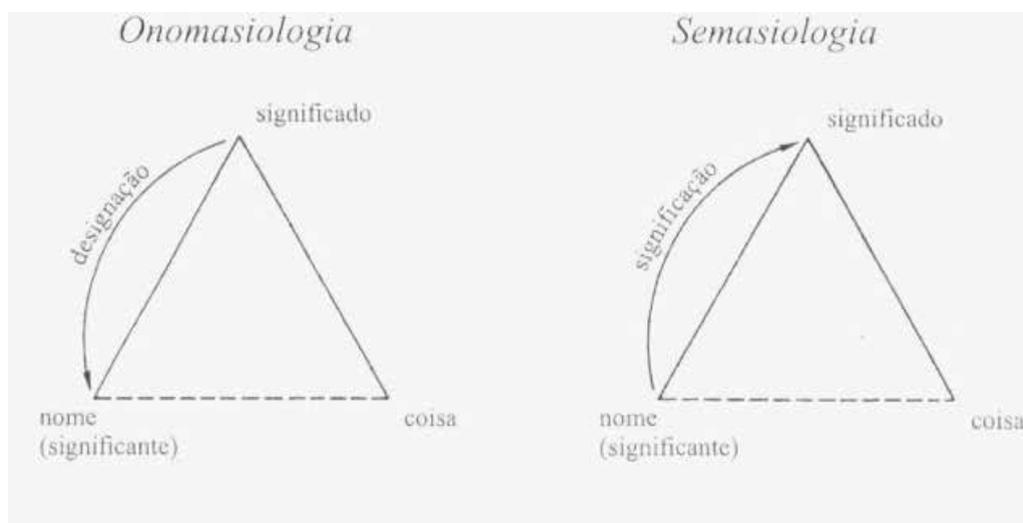
<sup>34</sup> Der Deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes, Heidelberg, 1931 (apud BIDERMAN, 1981, p. 133).

<sup>35</sup> Vidos (1996, p. 76)

estrutura hierarquizada. Esta estrutura é móvel; os movimentos a que obedecem as palavras e os grupos de palavras têm uma maneira correlativa: um vocabulário é um todo como a época que ele representa.<sup>36</sup>

Para Matoré, o léxico é uma testemunha de uma sociedade, de uma época – “mots-témoins”. É, portanto, um fato social – fora da sociedade a linguagem não encontra expressão – por isso, ela não pode ser estudada senão em conexão com outros fenômenos sociais.

Entre os modelos propostos para a análise da estruturação do significado, um dos mais aplicados pela lexicologia, a partir da segunda metade do século XX, foi o estudo de Kurt Baldinger sobre a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico. Para Baldinger, no campo onomasiológico encontram-se todos os significantes (designações, nomes) e no campo semasiológico, todos os significados:<sup>37</sup>

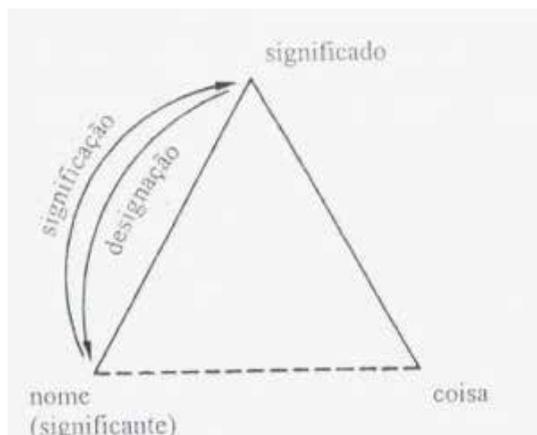


**Fig. 2:** Triângulo de Baldinger I

Deste modo, a *Onomasiologia* e a *Semasiologia* ao mesmo tempo em que se opõem, complementam-se, constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico:

<sup>36</sup> Matoré (1953, p. 62)

<sup>37</sup> Biderman (2001, p. 199-200)



**Fig. 3:** Triângulo de Baldinger II

## Considerações finais

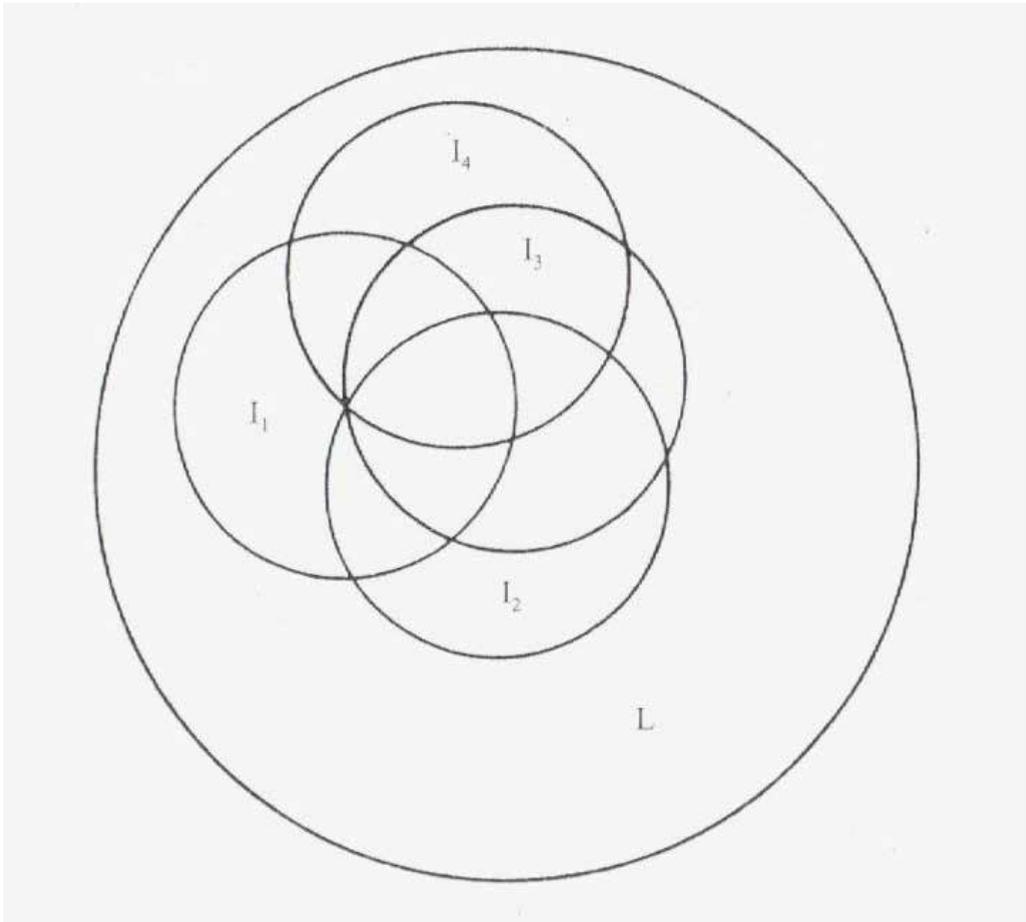
Como portadoras de significado, as unidades lexicais refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo. Desse modo, como reflete a multiplicidade do real, constitui a reserva onde as pessoas dispõem as palavras ao ritmo de suas necessidades. Por isso, ao invés de se constituir um sistema de sentido restrito, forma um conjunto aberto e não autônomo o que faz com que não se possa lhe dar uma descrição sistemática ou simples, mas somente descrições complementares, segundo o ponto de vista adotado pelo estudioso. Assim, definir o léxico seria talvez mostrar sua complexidade e sua heterogeneidade já que *“designa convencionalmente o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si”*<sup>38</sup>, através de intersecções – condição básica para que haja comunicação, como ilustra Biderman<sup>39</sup>:

<sup>38</sup> “désigne conventionnellement l’ensemble des mots au moyen desquels les membres d’une communauté linguistique communiquent entre eux.” Niklas-Salminen (1997, p. 13)

<sup>39</sup> Biderman (2001, p. 180)

Vamos chamar de L o Léxico de uma língua qualquer. É certo que cada indivíduo, membro da comunidade que fala essa língua, domina apenas uma parcela pequena do Léxico global. Vamos chamar de I1 o Léxico total desse sujeito. Um outro indivíduo dominaria um repertório I2, que coincidirá parcialmente com I1; um terceiro indivíduo disporá de um repertório léxico I3, e assim por diante. Onde:

$$L = I_1 + I_2 + I_3 + \dots = I_n$$



**Fig. 4:** Estruturação do Léxico

Contemporaneamente, com o desenvolvimento da Antropologia Linguística, especialistas em Lexicologia têm procurado adotar, ao definirem o léxico, enunciações como a que se segue, em que se veem retratadas a língua, a cultura e a sociedade:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 07)

## Referências Bibliográficas:

BIDERMAN, M.T.C. A Estrutura Mental do Léxico. In: **Estudos de Filologia e Linguística**. São Paulo: EDUSP, 1981.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001

BOURDIEU, Pierre. **El sentido práctico**. Madrid: Taurus, 1991.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Linguística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

HYMES, Dell. Objectives and concepts of Linguistic Anthropology. In: D.G. MANDELBAUM, G. W. Lasker y E. M. ALBERT (eds). **The Teaching of Anthropology**. American Anthropological Association, Memoir 94, 1963, p. 275-302.

HYMES, Dell. **Language in Culture and Society**: a reader in linguistics and anthropology. New York: Harper and Row, 1964.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à Linguística Românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Structural Anthropology**. Nova York: Basic Books, 1963.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie**. Domaine français. Paris: Didier, 1953.

NIKLAS-SALMINEN, Aïno. **La lexicologie**. Paris: Armand Colin, 1997.

OGDEN, C. K. & RICHARDS, I.A. **The Meaning of Meaning**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.

OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.

OSWALT, Wendell H. **Life Cycles and Lifeways, an Introduction to Cultural Anthropology.** Palo Alto (Califórnia): Mayfield, 1986.

VIDOS, B.E. **Manual de Linguística Românica.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

